

A FLORA MEDITERRÂNICA NO PATRIMÓNIO LITERÁRIO CAMONIANO: SUA VALORIZAÇÃO TURÍSTICA NA PAISAGEM ALGARVIA

Cláudia Henriques¹

Fernanda Dias²

RESUMO

O presente artigo visa apresentar ‘conteúdos’ para o desenvolvimento de itinerários turístico-literários no Algarve, enquanto região integrante da paisagem mediterrânica.

Inicia com uma reflexão sobre a importância do turismo literário no contexto do desenvolvimento de experiências turístico-culturais e, seguidamente, apresenta um conjunto de elementos da flora mediterrânica referenciado na obra de Os *Lusíadas*, de Luis Vaz de Camões, com potencial para constituir itinerários turísticos na região.

Em termos metodológicos o artigo apoia-se no estudo intitulado *Flora dos Lusíadas* do Conde de Ficalho (1880), com vista a proceder à identificação das espécies de árvores frutíferas, plantas aromáticas e ornamentais, as quais fazem parte da paisagem mediterrânica e que simultaneamente são referenciadas no Canto IX dos *Lusíadas*.

Em termos de resultados, o artigo apresenta 24 espécies da flora camoniana integrantes da paisagem mediterrânica, visando potenciar a construção de itinerários turístico-culturais em ambiente natural, num compósito turístico interpretativo associado à obra camoniana, enquanto elemento identitário nacional e regional.

Palavras-Chave: Turismo, flora, *Lusíadas*, paisagem mediterrânica, Algarve.

ABSTRACT

This paper aims at exploring and discussing the possibilities of applying the literary contents to the development of tourism itineraries in the Algarve, as a Mediterranean landscape. It starts with a consideration on the importance of literary tourism in the development of cultural tourism experiences and then it presents a case study based on the flora in *Lusíadas* by Luis Vaz de Camões, according to Conde de Ficalho (1880) - *Flora Lusíadas*. In Canto IX we can find 24 species of fruit trees, aromatic and ornamental plants. The identification of these species is relevant in order to enhance the construction of touristic itineraries associated with *Lusiadas*.

Key Words: Tourism, *Lusíadas*, flora, Mediterranean landscape, Algarve.

¹ Professora Adjunta na Universidade do Algarve chenri@ualg.pt

² Universidade do Algarve faradias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A paisagem mediterrânica integra um importante legado histórico manifesto numa multiplicidade de elementos, entre eles a literatura. Se considerarmos o Canto IX da obra *Os Lusíadas*, esse legado emerge uma vez mais deixando perceber um vasto património tangível e intangível associado, entre outros aspetos, à flora mediterrânica que, de alguma forma, (re)interpreta e (re)inventa este espaço muito para além da sua realidade histórico-cultural e física.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo averiguar de que modo através da relação entre a flora da paisagem mediterrânica e o património literário de Camões, nomeadamente o Canto IX de *Os Lusíadas* - “Ilha dos Amores” - se pode propiciar, ao turista que visita o Algarve, uma experiência a nível da apreciação simultânea de aspetos da obra camoniana e da flora do barrocal e serra algarvias.

De notar que embora a “Ilha dos Amores” nos remeta para o *locus amoenus*, lugar mítico e idealizado, as espécies botânicas enumeradas [segundo uma leitura do Conde de Ficalho (1880)], são comprovadamente mediterrânicas.

Consequentemente, após uma reflexão sobre a importância do turismo literário e da paisagem enquanto património com valências turístico-culturais, apresenta-se um estudo exploratório dos elementos relativos à flora. O pressuposto é de que esses elementos se constituem como potenciais alicerces ou conteúdos para a “construção de narrativas” associadas a passeios literários/itinerários que propiciem um maior “sentimento” e “proximidade” face à região algarvia, ao mesmo tempo que permitem “imaginar” paisagens ficcionais distantes.

2. TURISMO LITERÁRIO NA PAISAGEM MEDITERRÂNICA

Com a ascensão do turismo cultural tem vindo a ser reconhecida à literatura a potencialidade de “desempenhar um importante papel na configuração do turismo cultural-criativo e no sentido do ‘ser turista’ ao mesmo tempo que se valorizam não só as

‘relações com o texto’, mas também as relações ‘para além do texto’” (Henriques e Quinteiro, 2011).

Deste modo, uma realidade em “palavras” tende a permitir uma maior proximidade emocional ou “sentimento” face aos lugares, o que remete para a consideração de conceitos tais como os de “produção do espaço” (Lefebvre, 2006) e “poética do espaço” (Bachelard, 1974: 354).

A interligação entre as características reais e ficcionais dos lugares descritos pelos escritores possibilita que, como assinala Herbert (2001), estes possam adquirir significados de “mundos imaginativos” evocadores de “emoção e envolvimento”, potenciando a formação de “lugares mito” (*place myths*) (Tetley e Bramwell, 2002), associando os lugares a significados e imaginários simbólicos partilhados pelos leitores.

Na mesma linha, Eco (1986) salienta a importância da procura do “híper real” associada à inter-relação entre características ficcionais ou míticas e as atividades que se podem desenvolver nos lugares.

Turismo literário, enquanto turismo associado a “lugares comemorados por representações literárias e/ou conexões com figuras literárias” (Squire, 1996: 119; in Hoppen, Brown e Fyall, 2014), tende a ser entendido no contexto do turismo patrimonial, do turismo cultural ou do turismo relacionado com os *media* (Hoppen, Brown e Fyall, 2014) ou ainda do turismo criativo (Richards e Wilson, 2006).

Consequentemente, várias são as tipologias existentes (vide Hoppen, Brown e Fyall, 2014). Por exemplo, Butler (1986; in Hoppen, 2012) identifica quatro tipos de turismo literário, nomeadamente associados a: 1) homenagem a um local, 2) lugares de significado na obra de ficção, 3) áreas atrativas a figuras literárias e 4) áreas que se transformam em locais turísticos *per se* devido à popularidade da obra de um escritor.

Adicionalmente, encontram-se tipologias que destacam a “literatura de viagens” e o papel de filmes/*media* enquanto indutores de turismo literário (Bussy e Klug;

2001). Também Bielski (2011) distingue entre as formas mais “orientadas para a realidade” (visita à casa do autor, visita a um lugar/paisagem), passando pelas que estabelecem a “relação entre a realidade e ficção” (guias turísticos, passeios literários, viagens literárias, leitura dos autores) até às mais “orientadas para a ficção” (visita a um parque temático).

Quanto às motivações associadas ao turismo literário, elas são múltiplas, podendo atrair simultaneamente, quer de forma ampla, visitantes de património, quer de forma mais restrita, segmentos de nicho constituídos pelos “peregrinos literários genuínos” (*genuine literary pilgrims*) (Smith, 2003), frequentemente detentores de elevado capital cultural. Para Herbert (2001: 313), estes “peregrinos” procuram um destino exterior para o seu bem estar interior. Ou ainda, um “corpo físico” que possibilite estabelecer elos entre os seus sentidos e objetos reais (Robertson e Radford 2009: 206).

A literatura como potencializadora de uma experiência turística, no contexto da ascensão da economia das experiências (Pine II e Gilmore, 2011) tende, por seu turno, a associar o ato turístico a um conjunto de memórias e emoções relacionadas com os lugares visitados, as quais são influenciadas pelo turista, pelo cenário (ou destino) e pelos residentes. Como refere Bruner (in Valverde, 1999) estabelece-se uma espécie de relação dialética entre o “real” – ou o que quer que designemos como tal, a “experiência do real” e a “expressão dessa experiência do real”, levando a que nas sociedades ocidentais, as emoções tendam a ser criadas e recriadas no campo das relações sociais. São, em larga medida, contextos de experiência cultural e processos de comunicação que articulam a materialidade biológica dos indivíduos, os seus corpos e a sociedade.

Quanto à experiência turístico-literária, ela é por natureza profundamente subjetiva, na medida em que se identifica com um indivíduo (enquanto turista), usufruída num dado momento no tempo e num dado contexto existencial/situacional. Agregando portanto, sujeito (turista/leitor), no tempo e no espaço e, conseqüentemente, todas as teias físicas,

sociais, culturais, políticas, entre outras, desse espaço.

O referido reveste-se de grande importância uma vez que pressupõe o que aqui designamos por distintos “níveis de fruição/usufruto” por parte de diferentes sujeitos (turistas). Estes níveis de fruição tendem a estar associados a distintos níveis de entendimento, emoção, análise, acesso. Segundo Watson (2006), no caso da experiência turístico literária, ela pode revelar-se mais aprofundada quando coincide o lugar (*place of composition*) com a ficção (*fictional setting*).

Para ser “memorável”, a experiência deve, segundo Pine II e Gilmore (2011), estar associada a uma temática, estímulo dos sentidos, espacialidade, positividade e estruturação de um mix de recordações. Como tal, a criação de experiências deve assentar num maior estreitamento entre produção e consumo, de modo a ter presente o conceito de “prosumer” ou seja consumidor(es) envolvido(s) na produção de experiências (Richards e Wilson, 2006).

2.1. A PAISAGEM MEDITERRÂNICA E A REGIÃO DO ALGARVE

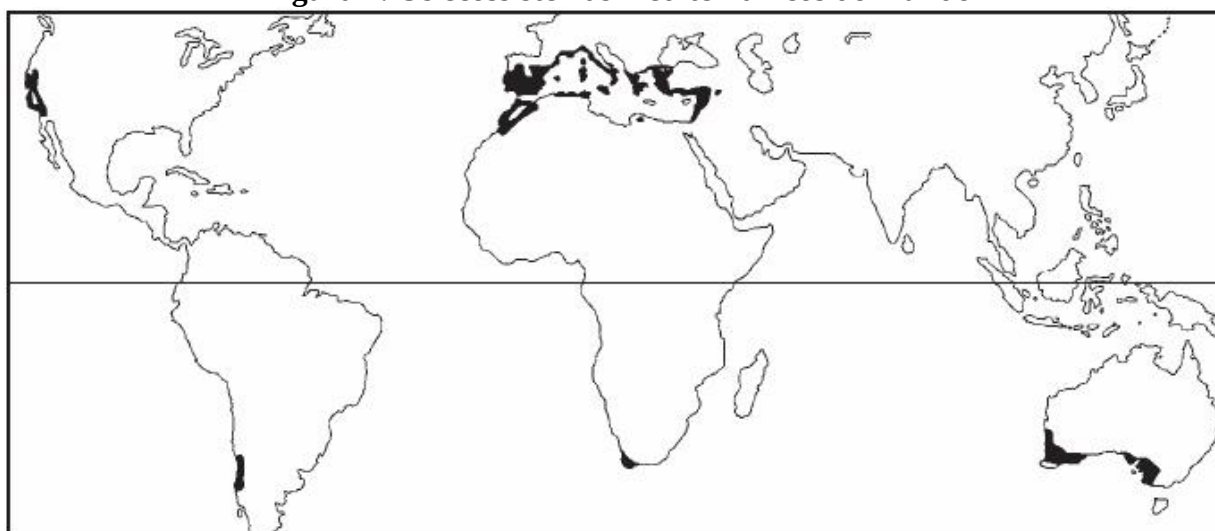
“O mediterrâneo, como unidade política e cultural só existiu na época romana, e só então se pode falar com propriedade de um *Mare Nostrum* (...)”. Contudo, como assinala Claret (2004; in Arruda, 1999) “Faz tempo que o mar e o espaço que o circunda deixaram de ser só de uns ‘nostrum’ para passar a ser um espaço compartilhado. Nesta perspectiva Braudel (1987) salienta que o mar mediterrâneo é “o agente dinamizador, o centro de atração e o fator de relacionamento dos povos e das culturas que o sulcam”.

O mediterrâneo está por sua vez associado à paisagem mediterrânica e seus respetivos ecossistemas, os quais ocupam apenas 1,2% da superfície terrestre e, resultado das suas características climáticas, encontram-se geograficamente bem delimitados (31° – 40° norte e sul), em 5 regiões disjuntas do globo, nas encostas ocidentais dos continentes: Califórnia, Chile,

sul de África, sudoeste da Austrália e bacia do mediterrâneo (Figura 1). “A bacia do mediterrâneo estende-se cerca de 3 800 km de leste para oeste, desde o extremo de Portugal até à costa do Líbano, e cerca de 1 000 km de norte para sul, desde a Itália até Marrocos e à Líbia”. A região Mediterrânica abrange vários

países, quer parcial (França, Portugal, Itália, Espanha) quer integralmente (Grécia, Malta, Chipre) evidenciando muitas similaridades em termos topográficos e climatéricos com influência na fauna e flora da região” (CEDGA, 2010: 3).

Figura 1: Os ecossistemas mediterrânicos do mundo



Fonte: Vogiatzakis et al. (2006; in LPN, 2015)

Das 25 000 espécies de plantas de flor identificadas até ao momento, que representam cerca de 10% de todas as plantas conhecidas no mundo, mais de metade são endémicas da região. Não é, portanto, de estranhar que o mediterrâneo seja considerado um dos principais focos de biodiversidade do planeta (CEDGA, 2010: 3).

O mediterrâneo está por seu turno associado a uma paisagem – a paisagem mediterrânica. Esta, para além de ser perspectivada na sua definição natural/morfológica tem vindo a ganhar, a partir de meados dos anos 80, um importante significado cultural, que tal como enfatiza Schwerz (2013: 8), se reforçou com os trabalhos de Sauer e Berque. Este último associado à ideia de que “a paisagem é marca”, porque expressa uma civilização, mas também é “matriz, porque participa dos esquemas de perceção, de conceção e de ação, ou seja, da cultura, esquemas que canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”. Ao mesmo tempo afirma-se a

perspetiva de que “paisagem” só existe a partir da mediação cultural e da concetualização. De notar que a concetualização da paisagem se tem vindo progressivamente a sedimentar enquanto “património” (Sabaté, 2008: 252).

Assim, da “mesma forma que o ‘território’, a conceção contemporânea de ‘paisagem’ integra as dimensões política, económica e cultural, inseparáveis neste contexto de análise”. Este facto possibilita, segundo Schwerz (2013), à crescente relação entre a paisagem e o planeamento e ordenamento territorial com preocupações de preservação/conservação do património.

Alguns documentos internacionais reconhecem a importância da paisagem, entre os quais se destaca a Carta da Paisagem Mediterrânea redigida em Sevilha (em 1993), a Recomendação R(95)9 sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas (proposta pelo Conselho da Europa em 1995) bem como a Convenção Europeia da Paisagem (formulação com início em 1994 e texto final

apresentado em Florença em 2000), que tem por objetivo incorporar a dimensão paisagística nas políticas públicas mediante o desenvolvimento de instrumentos de ordenação, gestão e fomento dos valores paisagísticos.

Contudo, há que sublinhar que o conceito de paisagem cultural remonta ao século XIX e difunde-se principalmente, com Sauer (1998), a partir dos anos 20 do século seguinte. Este autor concebe este tipo de paisagem como o resultado da ação de um grupo social sobre a paisagem natural, onde a cultura é o agente, a área o meio e a paisagem cultural o resultado (Sauer, 1998: 59). Esta paisagem está sujeita à mudança quer pela evolução da cultura quer pela substituição de culturas.

Esta conceitualização teve repercussões no estabelecimento de uma necessária combinação, entre a conservação dos sítios culturais com os sítios naturais, avançada em 1965 pela Conferência na Casa Branca (Washington, EUA), onde se solicitou a criação da Fundação do Património Mundial com vista ao estímulo da cooperação internacional na proteção das “maravilhosas áreas naturais e paisagísticas do mundo e os sítios históricos para o presente e futuro de toda a humanidade” (UNESCO, 2015). Também a União Internacional para a Conservação da Natureza e seus Recursos (IUCN) apresentou propostas similares à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972) que resultou na aprovação da Convenção Geral para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, em 1972 (UNESCO, 2015). Em 1992, o conceito de paisagem cultural é então incorporado pela UNESCO como uma nova tipologia de reconhecimento de bens culturais, onde desde essa data à atualidade tem havido o crescente realce das significativas interações entre o homem e o meio natural. Os sítios mistos têm ao mesmo tempo excecional valor natural e cultural justificando uma tipologia de proteção de património com vista a inscrever locais (classificados como património natural ou cultural) na lista de Património Mundial, detendo preocupações mais de natureza

administrativa, política e de preservação do que académica ou orientada à intervenção (UNESCO, 2015).

Em Portugal, a mancha mediterrânica concentra-se maioritariamente entre a zona do Tejo ao Sul do país, abrangendo toda a região alentejana e algarvia (LPN, 2015).

O Algarve inscreve-se no que Braudel designou por “mediterrâneo maior, que rodeia e envolve o mediterrâneo *stricto sensu*, e que lhe servia de ressonância”, bem como na vasta região que Orlando Ribeiro apelidou de “Portugal mediterrâneo” sendo, muito provavelmente, sobretudo o litoral e o barrocal, a mais mediterrânea das áreas inseridas naquele vasto espaço (in Arruda, 1999: 21).

O Algarve, região turística fundamentalmente de Sol & Mar, captou em 2014, 16,4 milhões de dormidas e 3,6 milhões de hóspedes (IMPACTUR, 2015) e tem vindo a reconhecer a importância de diversificação de produtos turísticos assente na valorização de “elementos diferenciadores” (como “História, Cultura e Tradição”) e “elementos qualificadores” (“autenticidade, segurança, qualidade competitiva”). A partir de referenciais estratégicos regionais, no Turismo 2020, o Algarve assinala como “recursos & ativos” aspetos como “cultura, tradições, gastronomia” e “património natural, cultural e edificado”, entre outros (Turismo de Portugal, 2015).

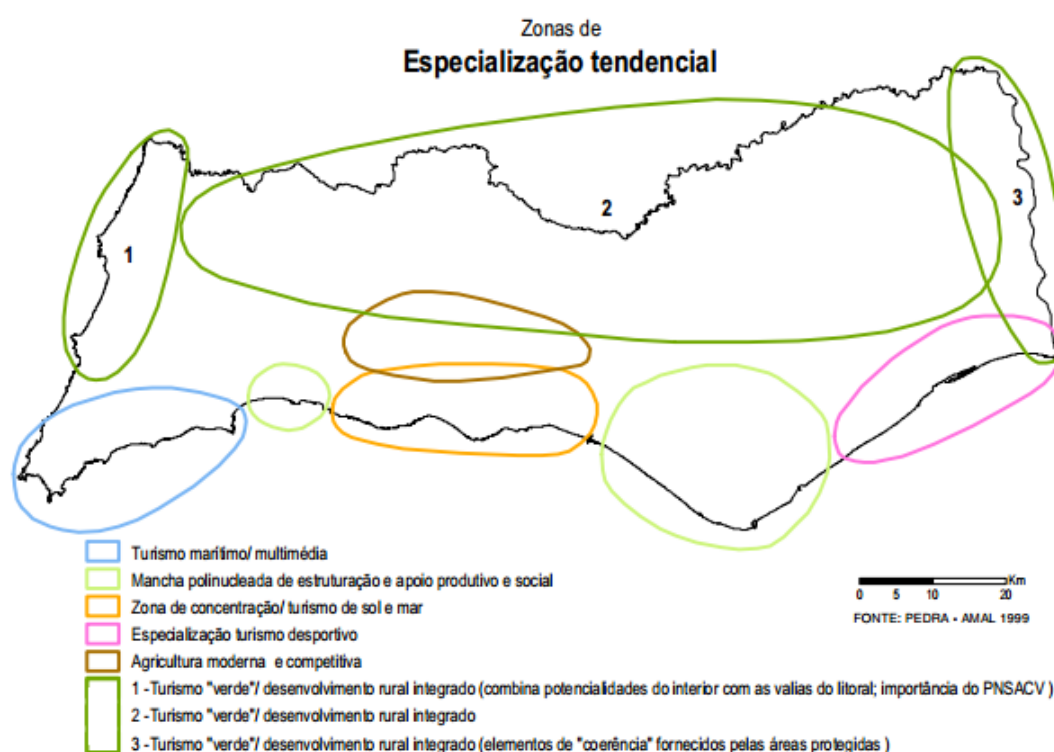
A região é também reconhecida como a “última Riviera mediterrânea” (Orlando Ribeiro; in Arruda, 1999: 21) e apesar da clássica divisão em litoral, barrocal e serra, constitui uma unidade geográfica individualizada do território português, tendo a serra contribuído para o seu isolamento do restante espaço nacional” (Arruda, 1999: 21).

A paisagem algarvia está associada a elementos de valor patentes na existência de alguns parques e reservas naturais, paisagens protegidas integrantes da Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP) (ICNF, 2015). Destacam-se o Parque Natural do Sudoeste

Alentejano e Costa Vicentina³, inscrito na Lista Indicativa de Património Mundial da UNESCO, o Parque Natural da Ria Formosa e a Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Mata Nacional de Monte Gordo, bem como a Rocha da Pena⁴ e Fonte Benémola (para informação complementar vide CCDR, 2016). A consideração destas áreas no Contexto do Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve (PROT Algarve) (aprovado em 2007) associa-se a um conjunto de objetivos estratégicos, tais como qualificar e diversificar

o cluster turismo/lazer; robustecer e qualificar a economia, promover atividades intensivas em conhecimento; promover um modelo territorial equilibrado e competitivo; e consolidar um sistema ambiental sustentável e durável. Assim, considera-se que a área associada ao barrocal e serra algarvias privilegia uma especialização tendencial associada ao que é referido por “turismo verde”, e que na nossa aceção poderá articular-se com um turismo cultural e literário, alicerçado em itinerários turístico culturais.

Figura 2. Zonas de Especialização Tendencial no Algarve segundo o PROT Algarve



Fonte: CCDR (2002)

Em consonância, o Turismo 2020 (Turismo de Portugal, 2015: 105) avança com um diagnóstico prospetivo em que associa a oferta de recursos turísticos no âmbito do Litoral Sul e Barrocal (Praias, Falésias e Marinas; Diversidade da Oferta Hoteleira (Resorts Integrados / Turismo Residencial); Turismo de

Saúde e Bem Estar e Turismo Náutico; Atividades de Animação (Parques Aquáticos e Temáticos)), Costa Vicentina (Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina; Turismo Náutico; Golfe), Serra (Gastronomia e Vinhos (Cozinha Algarvia); Áreas Naturais de interesse; Turismo de natureza e Turismo de

³ Vide <http://www.icnf.pt/portal/ap/p-nat/pnsacv/flora>.

⁴ Paisagem Protegida Local da Rocha da Pena (Criação: Deliberação da Assembleia Municipal de

Loulé (Aviso n.º 20717/2010, de 18 de outubro, DR 2.ª série, e Declaração de Retificação n.º 2210/2010, de 29 de outubro, DR 2.ª série).

Saúde e BemEstar; Golfe) e Baixo Guadiana (Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António; Turismo de natureza) (TP, 2015: 105).

Também, no contexto da sua longa ligação com o Homem e sua cultura (vide ICOMOS, 2014⁵), a paisagem algarvia partilha, conjuntamente com outras regiões do mediterrâneo, um importante “legado clássico” (Guzmán, 2010: 37). Não só se considerarmos as histórias da mitologia clássica dos primeiros Gregos (Homero) mas também passando pela Idade Média, Renascimento, até aos nossos dias.

Distinguiríamos também o fato desta paisagem estar associada à Dieta Mediterrânica, inscrita no Património Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO)⁶.

3. METODOLOGIA

Com o objetivo de averiguar de que modo através da relação entre a flora da paisagem mediterrânica e o património literário de Camões se pode propiciar, ao turista, uma experiência “memorável”, o presente *paper* inicia-se com uma reflexão sobre a importância do turismo literário no contexto do desenvolvimento de experiências turístico-culturais colocando em destaque a relação tripartida entre turismo, cultura (literatura) e natureza (paisagem mediterrânica/paisagem ficcional). Ou seja, uma relação de forte interdependência entre cultura e natureza (paisagem/flora), onde emerge a dimensão cultural da paisagem, em que o turismo se constitui como elo propiciador de experiências turístico-culturais em ambiente natural, que designaríamos por experiências compostas e totalizantes.

Após o enquadramento teórico segue-se a apresentação e análise do estudo de caso assente na leitura do Canto IX dos *Lusíadas* de Luís Vaz de Camões, segundo um estudo do

Conde de Ficalho (1880) – *Flora dos Lusíadas*. De notar que para este autor, Camões cruza o seu texto ficcional com a flora poética de textos clássicos (Teócrito, Virgílio, Homero).

Através da sequente análise documental procede-se à identificação e listagem das espécies nomeadas por Camões no Canto IX, episódio conhecido por “Ilha dos Amores”, com vista a reconhecer as árvores frutíferas, plantas aromáticas e ornamentais que fazem parte da paisagem e documentam imemoriais usos e costumes que nos são familiares.

Paralelamente, segue-se a análise exploratória de conteúdos visando a construção de itinerários turístico-culturais em ambiente natural, num compósito turístico interpretativo que remete para aspetos da obra camoniana, enquanto elemento identitário nacional e regional. O pressuposto é de que os conteúdos avançados constituem um contributo para o desenvolvimento do turismo literário no Algarve, enquanto paisagem mediterrânica.

Assim, finda a identificação de um património associado à flora n’ *Os Lusíadas* evidencia-se a sua relação com a paisagem mediterrânica e nomeadamente com a paisagem do barrocal e serra algarvias. A preocupação em chamar a atenção para este património e para a construção de narrativas associadas a percursos turístico inscreve-se na necessária valorização da experiência turística cultural no Algarve.

4. OS LUSÍADAS E A FLORA MEDITERRÂNICA

Tem sido largamente estudada e comentada a erudição de Luís Vaz de Camões. O princípio renascentista da inspiração nos modelos clássicos está explicitamente presente na obra épica e lírica camoniana. A leitura do canto IX dos *Lusíadas*, segundo o estudo do

na utilização de condimentos e especiarias e na ingestão moderada de peixe, carne e vinho -, um padrão alimentar intrínseco às características naturais dos solos e do clima do Mediterrâneo” (Gaspar de Freitas, 2014).

⁵Florença, Itália, Novembro 2014, Simpósio Científico “Heritage and Landscapes as Human Values”. In <http://www.icomos.org>.

⁶ Definida por um modelo nutricional específico - baseado no consumo de azeite, cereais, frutos e vegetais,

Conde de Ficalho *Flora dos Lusíadas*, 1880, leva à discussão da situação geográfica da Ilha dos Amores. O autor referido questionava: sendo uma ilha real, em que ponto do oceano se cruzam as suas coordenadas? Sendo uma terra real, como a identificamos pela sua natureza?

Se a primeira questão se pode discutir em volta dos magníficos mapas da época, confrontados com o mítico corpo ficcional da obra camoniana, a segunda questão deixa pistas aos amantes da literatura clássica e aos estudiosos da flora mediterrânica, que em textos como as Bucólicas de Virgílio, se evidencia a flora da Arcádia, a qual nos pode guiar num passeio pela "Ilha dos Amores", por entre uma vegetação genuinamente mediterrânica, poética, mas não fabulosa.

Segundo esclarece Ficalho [Conde] (1880), a descrição da flora tem sido atribuída à influência de poetas como Homero, Poliziano ou Ariosto, assim como à lenda da Ilha das Mulheres, supostamente situada no Oceano Atlântico pelo imaginário da Idade Média. As novas rotas traçadas pelos navegadores portugueses fizeram recuar essas lendas para recantos inexplorados, como é sabido.

Entre a pura ficção e a terra real, alguns investigadores colocam a Ilha de Vénus algures nos mares Orientais. Outros colocam-na em Santa Helena, ou na ilha de Anchediva,

onde a flora é tropical; outros ainda em Zanzibar. Para muitos prevalece a crença de que a natureza da ilha é do domínio da fantasia. Se é certo que essas inúmeras derivações interpretativas enriquecem os estudos camonianos e contribuem para divulgar os mitos e fábulas que ao longo dos tempos se foram adensando em volta do génio do poeta, também é certo que conhecemos de perto, como nossas e genuínas, as espécies que o poeta referiu nas suas estrofes.

Vejamos como essa observação pode dar testemunho da erudição do poeta – e como a geografia botânica pode ser determinante neste antigo debate, que envolve questões históricas, literárias, mas inevitavelmente científicas. Camões, exato e rigoroso, citou espécies que formam um tipo de vegetação que se pode entender como um todo coeso – a flora de um lugar específico.

A análise do Canto IX permite a identificação de vinte e quatro plantas referidas nas estrofes de Camões. De salientar que as espécies que não são espontâneas em Portugal e nas regiões mediterrânicas, foram aqui introduzidas desde tempos imemoriais, e por isso integradas no âmbito da paisagem mediterrânica. A tabela seguinte identifica essas 24 espécies com vista à delimitação de conteúdos interpretativos da paisagem mediterrânica em Portugal e especificamente no Algarve. Vejamos:

Tabela 1: Plantas constantes nas estrofes do Canto IX de *Os Lusíadas*

Laranjeira <i>Citrus Aurantium L.</i>	Álamo <i>Populus Alba L.</i>	Pinheiro <i>Pinus pinea L.</i>	Pessegueiro <i>Persica vulgaris Mill.</i>	Pereira <i>Pyrus Communis</i>	Narciso <i>Narcissus poeticus L.</i>	Lírio roxo <i>Iris subiflora Brotero</i>	Manjerona <i>Origanum majorana L.</i>
Cidreira <i>Citrus medica</i>	Loureiro <i>Laurus nobilis</i>	Cipreste <i>Cupressus sempervirens L.</i>	Amoreira <i>Morus nigra L.</i>	Videira <i>Vitis Vinifera L.</i>	Anémone silvestre <i>Adonis Automnalis</i>	Rosa <i>Rosa centifolia L.</i>	Jacinto <i>Gladiolo Segetum Gawl</i>
Limoeiros <i>Citrus limonum Riffa</i>	Mirto <i>Myrtus communis L.</i>	Cerejeira <i>Prunus avium L.,</i>	Romãzeira <i>Punica Granatum L.</i>	Ulmeiro <i>Ulmus campestris L.</i>	Viola <i>Viola odorata L.</i>	Açucena <i>Lilium Candidum L.</i>	Bonina <i>Bellis perennis</i>

Fonte: Elaboração própria

De modo a sugerir a interpretação turístico-cultural em ambiente natural, apresentam-se as estâncias do canto IX, onde as plantas são evocadas, com vista a sugerir aos leitores a cor, os perfumes, os perfis particulares da vegetação definindo assim a paisagem mediterrânica.

Vejamos as espécies que o texto camoniano consagra no canto IX:

Canto IX – 56

[...]

*Mil árvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoríferos e bellos;
A larangeira tem no fructo lindo
A cor que tinha Daphne nos cabellos.
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarelllos;*

*Os formosos limões alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.*

[...]

Estão aqui referidas três espécies, a **Laranjeira** (loira como o pastor Dafne) *Citrus Aurantium L.* talvez variedade cultural de *Citrus Bigaradia*, a **Cidreira** *Citrus medica* (já mencionada por Teofrasto, o nome indica a procedência da Média) e **Limoeiros** – *citrus limonum Riffó* (cuja introdução na Europa diz dever-se aos árabes e aos cruzados).

Canto IX – 57

[...]

*As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraíso.*

[...]

Nomeia-se aqui o **Álamo** (*Populus Alba L.*, árvore espontânea em toda a região mediterrânica) citado em Homero e Teócrito; o **Loureiro** (*Laurus nobilis L.*, árvore de Apolo, o deus solar de cabelos louros, única *laurácea* originária da Europa, citado por todos os

poetas da Antiguidade Clássica (*daphnê*, em grego loureiro: o pastor Daphnis, de cabelos louros, era protegido do deus Apolo); o **Mirto** – *Myrtus communis L.*, é a única *mirtácea* espontânea da Europa. Dedicada a Vénus, é largamente citada por Teócrito, Virgílio, e por todos os poetas antigos, como emblema da deusa citérea; o **Pinheiro** – *Pinus pinea L.*, árvore dedicada a Cibele; citada por Homero e ainda o **Cipreste** – *Cupressus sempervirens L.*, cuja esguia forma representa dedos apontando o céu, citado por Teócrito e Homero.

Canto IX -58

[...]

*Os dons que dá Pomona alli natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas, purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo que da patria Persia veio,
Melhor tomado no terreno alheio;
[...]*

Camões referencia a **Cerejeira** – *Prunus avium L.*, originária do Cáucaso, encontram-se vestígios da sua presença na Europa há 3000 anos. Dioscórides aconselhavam o seu uso medicinal; o **Pessegueiro** – *Persica vulgaris Mill.*, espalhou-se na Europa através da Pérsia e a **Amoreira** – *Morus nigra L.* Originaria das vertentes do Cáucaso e região do mar Cáspio.

Canto IX – 59

[...]

*Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c' huns cachos roxos e outros
verdes;*

*E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.*

[...]

Destacam-se quatro espécies, a **Romãzeira** – *Punica Granatum L.* - pensa-se

que os Fenícios a terão trazido para a colónia de Cartago; a **Pereira** – *Pyrus Communis*, espontânea na zona temperada da Europa. Citada em Homero e Teócrito; a **Videira** – *Vitis Vinifera L.* espontânea em toda a região do Cáucaso e na Arménia, citada largamente pelos poetas clássicos, emblema de Dionísio; e **Ulmeiro** – *Ulmus campestris L.* Espontâneo na Europa ocidental.

No Canto IX – 60 destacam-se duas espécies:

Canto IX – 60

[...]

*Pois a tapeçaria bella e fina
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.*

*Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deusa Páphia, inda
suspiras.*

[...]

São elas o **Narciso** – (a flor *Cephisia narcissus poeticus L.*; pela alusão a Ovídio, segundo C. Ficalho, talvez o *narcissus tazeta L.*; Céfiso, deus do rio do mesmo nome, era o pai de Narciso; e a **Anémoma silvestre** – *Adonis Automnalis L.*, ranunculácea vulgar em Portugal (Adónis, amante de Afrodite, era filho de Cinyras, rei de Chipre, e da filha deste, Myrra, que seduzira o pai. Segundo as *Metamorfoses* de Ovídeo (cf. livro X) esta flor foi criada por Afrodite ao aspergir o sangue do belo Adónis, ferido de morte por um javali, com o néctar dos deuses).

E ainda:

Canto IX – 61

[...]

*Para julgar, difficil cousa fora,
No ceo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava às flores côr a bela Aurora,
Ou se lha dão a ella as belas flores.*

*Pintando estava ali Zephiro e Flora
As violas, da côr dos amadores,
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella;
[...]*

Viola – *viola odorata L.*; Identificando esta planta com a violeta citada por Teócrito e Homero, o conde de Ficalho anota que se deve tratar da *viola alba*, presumindo que Camões a compara com a palidez dos amantes. Porém, em Teócrito a violeta é escura, e ainda hoje se associa o roxo ao martírio à paixão:

[...]

*Formoso menino, em côres não creias
demasiado: he branca a flor d'alfena,
a da violeta he preta; esta se colhe
com cuidado, e aquella cahir se deixa.*⁷

[...]

Temos então o **Lírio roxo** – talvez *Iris subiflora Brotero*, segundo o conde de Ficalho. Possivelmente *Iris planifolia* (Mill.), *Gynandrisis sisyrinchium L.* ou *Iris xiphium L.* e a **Rosa** – *Rosa centifolia L.* a mais perfumada das rosas, cantada por todos os antigos poetas e cujo simbolismo transitou da mitologia para o cristianismo, e deu origem a inúmeras lendas, contos e poesia popular.

Canto IX – 62

[...]

*A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a manjerona;
Vêm-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Chloris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.*

[...]

Neste Canto as espécies identificadas são: a **Açucena** – *Lilium Candidum L.* (cecem, do árabe *susen*, pela adição do artigo, a *susen*)

⁷ Virgílio, 2ª Écloga, Alexis v. 30-34. A nota de rodapé diz que a violeta se colhe porque é útil para tingir vestuário.

- mencionada em Teócrito e no Cântico dos cânticos; **Manjerona** – *Origanum majorana* L., cultivada em toda a Europa, espontânea no Médio Oriente e na África do Norte. Citada por Teócrito; **Jacinto** – *Gladiolo Segetum* Gawl, supostamente; flor Hiacinthina, que ostenta as iniciais Hiacintho, amigo de Apolo⁸; **Bonina** – *Bellis perennis*, a bonina dos prados da poesia arcadiana, é espontânea na Europa, cresce junto aos caminhos e nos pastos de erva rasteira.

Pela referência às espécies contantes no Canto IX, distinguem-se algumas aromáticas ainda hoje usadas na medicina tradicional e integrantes de preciosos herbários medievais⁹. De notar que em Portugal e no Algarve foi sobretudo a culinária popular que soube dar continuidade ao uso desses aromas, que fazem parte da marca identitária da dieta mediterrânica.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo ao refletir sobre a relação entre turismo literário e a paisagem mediterrânica, tendo como vetor condutor aspetos da obra camoniana relativos à flora, conduziu, num primeiro momento, a um conjunto de considerações teóricas sobre turismo literário e experiência turística.

Em seguida, e considerando as possibilidades de desenvolvimento de turismo literário no Algarve, região tradicionalmente associada ao Sol e Mar, avançou com um estudo exploratório de articulação entre o turismo e literatura, apoiado numa das figuras expoente da literatura nacional - Camões.

A intenção foi verificar a existência de conteúdos literários que possibilitem a estruturação de itinerários, de modo a que a paisagem algarvia, enquanto paisagem mediterrânica, seja “comemorada” por

“representações literárias e/ou conexões com figuras literárias” num compósito criativo entre literatura e paisagem.

A flora algarvia, enquanto flora mediterrânica, foi então perspetivada como detentora de um novo “significado” no contexto da obra épica dos Lusíadas, uma vez que apesar da “Ilha dos Amores” remeter para o *locus amoenus*, as espécies botânicas nela salientadas, segundo uma leitura de Ficalho (1880), são comprovadamente mediterrânicas.

Consequentemente, o artigo centrou-se no alicerçar de um tipo de turismo literário em que se sugere a “visita a um lugar/paisagem” mas também a possibilidade de leitura da obra camoniana enquanto se fazem passeios literários e ao mesmo tempo se visitam territórios (na sua maioria) identificados como zona de especialização de “turismo verde” ou, a áreas de oferta turística compatível com a valorização da paisagem, nomeadamente, e segundo o Turismo 2020, a “Costa Vicentina”, a “Serra” e o “Baixo Guadiana”. As zonas/áreas referidas têm potencial para inserção de itinerários turístico-literários associados a uma interpretação da flora mediterrânica. Essa interpretação poderá ainda melhor se contextualizar, no caso de já haver enquadramento jurídico-legal de proteção e gestão sustentável, como acontece em áreas classificadas (exemplo: parques ou reservas naturais).

O objetivo é atrair não só os turistas que de forma restrita procuram um maior sentimento e conhecimento da obra de Camões, os designados *genuine literary pilgrims*, de elevado capital cultural, mas também atrair os turistas que, de forma mais genérica, se orientam para uma visita de turismo de natureza ou de *touring* e que pretendam beneficiar de uma interpretação/narrativa do lugar que visitam.

A literatura como inspiradora de uma experiência turística pode, neste caso, através da flora, interpretar a paisagem mediterrânica

centena de plantas, árvores, arbustos, e aromáticas cuja cultura é incentivada para os hortos e jardins reais.

6 Bucólica IX, v. 80-97, in: António Teixeira de Magalhães, *Nova tradução das Éclogas de Virgílio*, Viúva Alvarez Ribeiro & Filhos, Porto, 1825.

⁸ cf. Virgílio, *Bucólicas*, 3ª écloga, versos 106, 107.

⁹ cf. *Capitular De Villis*, de Carlos Magno, Leis Capitulares datando dos finais do século VIII e princípio do IX. O capítulo 70 contém a lista de cerca de uma

algarvia acentuando uma identidade regional no contexto de outras identidades (nacional/internacional), numa realidade de conexões. Diferentes turistas e diferentes motivações podem portanto levar a distintos “níveis de fruição” por seu turno associados a distintos níveis de entendimento, emoção.

A enumeração de estâncias do Canto IX de Os Lusíadas, onde constam espécies da flora mediterrânica, visou evidenciar conteúdos para potenciais interpretações/narrativas da paisagem algarvia. Vinte e quatro são as espécies identificadas, algumas delas ícones de um saber popular tradutor de uma identidade e de um modo de vida que abrange áreas tão diversas como a culinária, as celebrações tradicionais, como os "santos populares", ou "dia da espiga", o artesanato, os ditos e crenças; áreas que se entrelaçam para constituir o que chamamos de cultura popular.

Essa vulnerável e tantas vezes pouco valorizada riqueza, para além do que representa para a beleza da paisagem e como repositório do saber popular – englobando a identificação de aromáticas usadas na alimentação e na medicina natural, nos adágios do calendário agrícola, na poesia oral – pode iniciar-nos numa outra viagem, levando-nos pela via da poesia clássica, às origens na nossa cultura de incidência mediterrânica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arruda, A. M. (1999). Algarve no quadro geocultural do Mediterrâneo Antigo. In M^a da Graça, Marques (Coord.), *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias* (elementos para a sua história). Edições Colibri.
- Bachelard, G. (1974). *A Poética do Espaço*. (Trad. Franklin Leopoldo e Silva). São Paulo: Abril Cultural.
- Bielkaski, V. (2011). *Literaturismus am Beispiel von Husum und Theodor Storm*. Band 6. Göttingen: Universitätsdrucke Göttingen, pp. 51-66.
- Braudel, F. (1987). *O Mediterrâneo*. Lisboa: Teorema.
- Bussy, G. e Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The Challenge of Measurement and Other Issues. *Journal of Vacation Marketing*, 7 (4). (pp.316-332). <http://jvm.sagepub.com/content/7/4/316> (consultado a 10 março 2015).
- Camões, Luis de. *Les Lvsíades*. (1961). (Traduction de Roger Bismut, Fundação Calouste Gulbenkian, Notas e prefácio Hernani Cidade). Pierre Hourcade, Lisboa 1961.
- CAMÕES, Luiz Vaz de. (1968). *Os Lusíadas*. Lisboa: Editora Sá da Costa.
- CCDR Algarve (2002). Relatório Preliminar de Caracterização e Diagnóstico – 2002, Volume II, Dezembro 2002. In: <http://www.ccdr-alg.pt/site/info/prot-algarve#sthash.lc1u0arQ.dpuf>
- CEDGA (Comissão Europeia Direcção-Geral do Ambiente) (2010). Kerstin Sundseth, Ecosystems LTD. Bruxelas: Natura 2000 na Região Mediterrânica, Comissão Europeia Direcção-Geral do Ambiente. In: http://ec.europa.eu/environment/nature/info/pubs/docs/biogeos/Mediterranean/KH7809610PTC_002.pdf
- Eco, U. (1986). *Travels In Hyperreality*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Elliott, R. (2010). *Fado and the Place of Longing – Loss, Memory and the City*. England: Ashgate Popular and Folk Music Series.
- FICALHO, (Conde de), Francisco Manuel de Melo, Conde de Ficalho, (1880). *Flora dos Lusíadas*. Lisboa: Academia Real das Ciencias.
- Gaspar de Freitas (2014). Dieta Mediterrânica - Uma Herança para o Futuro. *Revista Fatores de Risco*, Nº31 Jan-Mar 2014 (pp. 66-71). In: <http://www.spc.pt/DL/RFR/artigos/506.pdf> (consultado em abril 2014).
- Richards G. e Wilson, J. (2006). Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture? *Tourism Management* 27 (2006) (pp. 1209–1223).

- Henriques, C. e Quinteiro, S. (2011). O turismo literário. Olhão sob a perspetiva de João Lúcio. In: <http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/download/224/223> (consultado em Dezembro 2014).
- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism and the heritage of experience. *Annals of tourism research*, 28 (2) (pp. 312-333).
- Hoppen, A. (2012). A study of visitors motivations at the Daphne Du Maurier Festival of Arts and Literature. In: https://www.academia.edu/4138112/Literary_Places_and_Tourism (consultado a 15 Julho 2015).
- Hoppen, A., Broen, L. e Fyall A. (2014). Literary tourism: Opportunities and challenges for the marketing and branding of destinations?, *Journal of Destination Marketing & Management* 3 (2014) (pp. 37-47).
- ICNF (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas). 2015. Rede Nacional de Áreas Protegidas. In: <http://www.icnf.pt/portal/ap/rnap> (consultado a 20 Julho 2015).
- IMPACTUR (2015). Indicadores de Monitorização e Previsão da Atividade Turística. <http://www.ciitt.ualg.pt/impactur> (consultado a 14 Junho 2015).
- IEMed (Institut Europeu de la Mediterrania) (2004). *Mediterraneum – El esplendor del Mediterráneo medieval S. XIII-XV*. In: <http://www.iemed.org/> (consultado a 20 Junho 2015).
- Lefebvre, H. (2006). *A produção do espaço*. (Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins). Paris: Éditions Anthropos.
- LPN - Liga para a Proteção da Natureza (2015). *Paisagem Mediterrânica - Projecto LIFE Habitat Lince Abutre*. In: <http://lhabitatlinceabutre.lpn.pt/homepage/paisagem-mediterranica/content.aspx...> (consultado em 5 fevereiro de 2016)
- Magalhães, António Teixeira de. (1825). *Nova tradução das Éclogas de Virgílio*. Porto: Viúva Alvarez Ribeiro & Filhos.
- Pine II J. e Gilmore J. (2011). *The Experience Economy (Updated Edition Paperback – July 5, 2011)*. Harvard Business Press, 2011.
- Robertson, J-P. e Radford, L-A. (2009). *The Private Uses of Quiet Grandeur: A Meditation on Literary Pilgrimage*. *Changing English*, 16 (2) (pp. 203-209). In: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13586840902863186> (consultado 12 Março 2014).
- Sabaté, J. (2008). Paisajes Culturales y Proyecto Territorial (pp. 249 -273). In J. Nogué (Ed.). *El paisaje en La cultura contemporánea*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S.L.
- Sauer, C.O. (1925/1998): *A morfologia da paisagem*. In: CORR A, R.L., ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, tempo e cultura* (pp. 12-74). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Schwartz, J-P. (2013). *Da paisagem ao planeamento do território: possíveis relações entre território & poder e cultura & paisagem*. *Anais – Encontros nacionais da Anpur*. In: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeu/index.php/anais/article/view/4465> (consultado a 30 Julho 2015).
- Smith, A. K. (2003). *Literary Enthusiasts as Visitors and Volunteers*. *International Journal of Tourism Research*, 5 (2) (pp. 83-95). In: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jtr.419/abstract> (consultado 20 Junho 2015).
- Tetley, S. e Bramwell, B., 2002. *Tourists and the Cultural Construction of Haworth's Literary Landscape*. In H.C Andersen e M. Robinson (Eds), *Literature and Tourism – Reading and Writing Tourism Texts*. London: Continuum.
- Turismo de Portugal (2015). *Turismo 2020 – Por uma Estratégia para o Turismo do País*

e das Regiões – Portugal 2020. Plano de ação. In: [http://www//Turismo 2020. Turismo deportugal.pt](http://www.turismo2020.pt) (consultado 20 Julho 2015).

Guzmán, A. (2010). The Classical Legacy: Identity, Memory and Heritage. Universitat Internacional de Catalunya - Quaderns de la Mediterrània 13, (pp. 37-43). In: http://www.iemed.org/publicacions/quaderns/13/qm13_pdf/5.pdf (consultado 3 Janeiro 2015).

Valverde, P. (1999). O fado é o coração: o corpo, as emoções e a performance no fado. *Etnográfica*, Vol. III (1), 1999 (pp. 5-20). In: http://ceas.iscte.pt/etnografica/vol_03/N1/Vol_iii.pdf (consultado em 2 Janeiro 2015).

Watson, N. J. (2006). *The Literary Tourist*. Basingstoke Palgrave Macmillan

UNESCO (2015). O Património: legado do passado ao futuro. In: <http://www.unesco.com> (consultado 1 Agosto 2015).